



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo () Relato de Experiência () Relato de Caso

Sobre a formação de um discurso de identidade segundo uma investigação arqueológica.

AUTOR PRINCIPAL: Maitan Rossi dos Santos

CO-AUTORES: Bruna de Oliveira Bortolini

ORIENTADOR: Bruna de Oliveira Bortolini

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

INTRODUÇÃO

Somos todos portadores de uma representação do que é fenômeno humano. Sempre que questionados sobre nossa compreensão acerca de quem somos precisaremos articular um discurso. A maneira como significamos nossos processos de socialização orienta esse discurso. O interesse do nosso trabalho, portanto, se direciona ao tema da identidade, mais exatamente da formação dum discurso de identidade. Investigaremos, para isso, o papel e o objeto da pergunta: “Quem somos?” Procurando mostrar as implicações da resposta, resultado dessa pergunta, enquanto um discurso que se sustenta sobre determinada tradição.

DESENVOLVIMENTO:

A tradição é uma forma de representar a história. Entendemos essa representação da história pela forma como ela foi e é comunicada a nós através dos tempos. Representação que, retomando fatos, significa-os num horizonte de sentido. Que é sempre um recorte a partir de um horizonte de possibilidade de sentido. Há certo número de fatos que conseguem ser preservados e há aqueles que foram soterrados. O trabalho de reativar os discursos soterrados, mostrando essas outras possibilidades de sentido, é semelhante ao de um arqueólogo. Ele escava, descobre fatos – reelabora discursos – e significa-os abrindo espaços para que a voz daqueles que foram “esquecidos” pela tradição seja capaz de expressão. Por isso dizemos que a tradição é



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



uma REPRESENTAÇÃO, dentre tantas possíveis, a respeito da história, seja ela de um povo ou mesmo de um indivíduo.

Não é difícil esquecer nossas origens quando nossos discursos a respeito daquilo que somos se apoiam numa tradição que preserva certo esquecimento de eventos/fatos constitutivos da nossa história. Numa tradição específica, que tomou o lugar de tantas outras possíveis, a reativação da história segundo a “memoria dos vencidos” é possível mediante uma postura indagadora. Postura crítica no sentido de ser um exercício de retorno à história, não para reforçar aquilo que a tradição valora/valorou, mas para questionar às origens da nossa constituição procurando nela as zonas esvaziadas de sentido que se abrem à invenção, a novas representações.

Se, a formação da identidade de um povo é semelhante à construção da resposta para a pergunta “Quem somos?” é justamente ela que merece ser alvo de indagação: É importante fazer tal pergunta? Ou seria esse mais um problema insolúvel e prescindível às pessoas no cotidiano? Quando perguntamos “quem somos?” a respeito de quem falamos?

Acreditamos que a essência da atividade filosófica é a pergunta. Perguntar além de ser uma postura científica é, sobretudo, uma postura ética existencial e, portanto, política. Nosso interesse se volta, então, não por aquilo que é comumente dito, mas por aquilo que foi silenciado no discurso tradicional que sustenta determinada representação histórica, esta por sua vez, que fornecerá os elementos para a resposta da pergunta quem somos. Inflexão no problema da identidade, que só é possível segundo uma postura indagadora que busque o “contrapelo da história”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nas definições identitárias que fazemos, inevitavelmente, deixamos de lado fatos mais ou menos importantes para tal. Justamente pelo fato de recorermos a uma tradição que é sempre limitadora. Dessa relação com a tradição deriva uma identidade fragmentária. A eclosão de novos discursos depende de uma postura crítica com relação à nossa origem. É no retorno às origens, no re-conhecer de nossa história, que uma nova significação da tradição se torna possível.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, W. O Capitalismo Como Religião. São Paulo: Boitempo; 2013
_____. O Anjo da História. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013
GAGNEBIN, J.M. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva; 2013
PERIOS, O. Walter Benjamin a Filosofia como Exercício. Passo Fundo: IFIBE; 2013



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação. SOMENTE TRABALHOS DE PESQUISA

ANEXOS

Aqui poderá ser apresentada **somente UMA página com anexos** (figuras e/ou tabelas), se necessário.